

As cartas de Anchieta

Dotado de notável capacidade de observação e de privilegiada memória, acrescidas de sensibilidade artística para o aspecto poético das coisas, mas forrado ao mesmo tempo de vivíssima humildade, jamais de distancia Anchieta da objetividade e exatidão, ao expor por escrito suas impressões sobre as pessoas e os fatos, que descreve nas suas cartas informativas de São Vicente.

Provido de uma enorme paciência, e admirável zelo apostólico, além de firmeza de princípios e visão empreendedora, Anchieta, mais que qualquer outro, possibilitou que florescesse por toda a parte a fé e a piedade, a moral, a cultura e a solidariedade, elementos indispensáveis para o verdadeiro progresso espiritual e material de um povo. Não desprezou, para isso nenhum dos meios ao seu alcance, como autêntico precursor da arte da comunicação.

“Para sustento destes meninos, a farinha de pau era trazida do interior, da distância de 30 milhas. Como era muito trabalhoso e difícil por causa da grande aspereza do caminho, ao nosso Padre (Nóbrega) pareceu melhor no Senhor mudarmo-nos para esta povoação de índios que se chama Piratininga. Isto por muitas razões: primeiro, por causa dos mantimentos; depois, porque se fazia nos portugueses menos fruto do que se devia...Por isso, alguns dos irmãos mandados para esta aldeia no ano do Senhor de 1554, chegamos a ela a 25 de janeiro e celebramos a primeira missa numa casa pobrezinha e muito pequena no dia da conversão de S. Paulo, e por isso dedicamos ao mesmo nome esta Casa. De tudo isso escrevi por miúdo na carta precedente que abrangeu até o mês de junho...Residimos aqui ao presente oito da Companhia, aplicando-nos a doutrinar estas almas e pedindo à misericórdia de Deus Nosso Senhor que finalmente nos conceda acesso a outras mais gerações, para serem subjugados pela sua palavra. Julgamos que todas elas se hão de converter muito facilmente à fé, se Iha pregarem”¹

Quadrimestral escrita em setembro de 1554, dirigida por Anchieta a Santo Inácio de Loyola, em Roma, a carta acima segue o proposto por Loyola, fundador da Companhia de Jesus. Os superiores deveriam escrever ao provincial a cada quatro meses uma carta com informações sobre o trabalho missionário e escrita na língua local e outra, com o mesmo teor, em latim. Ambas deveriam ser duplicadas

¹ ANCHIETA, José de – Cartas Correspondência Ativa e Passiva, Edições Loyola, São Paulo, 1984, pgs 69-70

² LONDOÑO, Fernando Torres in Tempos do Sagrado – Revista Brasileira de História, São Paulo, 2002

³ Dominique Bertrand, na *La politique de Saint Ignace de Loyola*, op. cit., elaborou uma série de tabelas das categorias das cartas p. 73, dos grandes temas p. 91, e dos meios sociais aos quais se dirigiu santo Inácio, p.115

⁴ LONDOÑO, Fernando Torres in Tempos do Sagrado – Revista Brasileira de História, São Paulo, 2002

⁵ ANCHIETA, José de – Cartas Correspondência Ativa e Passiva, Edições Loyola, São Paulo, 1984

para que uma fosse enviada ao Padre Geral e da outra fosse possível fazer tantas cópias quanto necessárias para que todos da Província pudessem ficar informados.

Como bem assinalou o historiador Fernando Torres Londoño² “Tudo isso para garantir a função das cartas: consolar e edificar, dado a conhecer as obras feitas em nome de Deus. Escrever para que outros lessem, copiassem, difundissem e guardassem. Este sistema de informação atuava como suporte para um sistema de decisões nitidamente inaciano: hierárquico e vertical. Informar a partir da base nas cartas periódicas. Reunir registros e intercambiar opiniões à procura de uma ocasião. Este sistema foi central na ordem e se gestou a partir do próprio percurso letrado do fundador e do relevo concedido às letras na Companhia de Jesus”.

Escrever para Inácio de Loyola era uma atitude comandada por um sentido. Ele escreveu os Exercícios Espirituais para ensinar e acompanhar, as Constituições para regulamentar, as Instruções aos membros da Companhia de Jesus para manter a união, seus diários para entender sua própria espiritualidade, e as cartas como forma de agir e comunicar sobre os mais variados assuntos e situações. Loyola acreditava na comunicação como forma privilegiada de ação. “Em tempos de conflito ou de perseguições, como as acontecidas quando era estudante, recorreu à escrita para se defender, argüindo, refutando. Quando já havia se tornado influente escrevia para convencer, decidir, reclamar, dissuadir, agradecer. Posteriormente, quando em exercício como primeiro geral da Companhia, escrevia ainda para influir, informar, discordar e pedir”³.

“Esse acervo, mesmo espalhado, se constituiu na referência para a recuperação do passado dos jesuítas no Brasil e da construção de sua memória”, afirma Londoño e acrescenta “ Esta recuperação passou a ser feita depois da restauração, na segunda metade do século XIX. No caso do Brasil, o padre Serafim Leite, consciente da importância desta cartas e do imaginário que elas alimentavam a respeito da Companhia nos primeiros anos da colonização lusa no Brasil, além de utilizá-las para a redação de sua História da Companhia de Jesus no Brasil, continuou o trabalho já iniciado por historiadores leigos, como Capistrano de Abreu, que desde 1885 se tinha empenhado em localizar e publicar cartas dos padres Nóbrega e Anchieta”.⁴

² LONDOÑO, Fernando Torres in Tempos do Sagrado – Revista Brasileira de História, São Paulo, 2002

³ Dominique Bertrand, na *La politique de Saint Ignace de Loyola*, op. cit., elaborou uma série de tabelas das categorias das cartas p. 73, dos grandes temas p. 91, e dos meios sociais aos quais se dirigiu santo Inácio, p.115

⁴ LONDOÑO, Fernando Torres in Tempos do Sagrado – Revista Brasileira de História, São Paulo, 2002

⁵ ANCHIETA, José de – Cartas Correspondência Ativa e Passiva, Edições Loyola, São Paulo, 1984

³ Dominique Bertrand, na *La politique de Saint Ignace de Loyola*, op. cit., elaborou uma série de tabelas das categorias das cartas p. 73, dos grandes temas p. 91, e dos meios sociais aos quais se dirigiu santo Inácio, p.115

⁴ LONDOÑO, Fernando Torres in Tempos do Sagrado – Revista Brasileira de História, São Paulo, 2002

⁵ ANCHIETA, José de – Cartas Correspondência Ativa e Passiva, Edições Loyola, São Paulo, 1984

⁴ LONDOÑO, Fernando Torres in Tempos do Sagrado – Revista Brasileira de História, São Paulo, 2002

⁵ ANCHIETA, José de – Cartas Correspondência Ativa e Passiva, Edições Loyola, São Paulo, 1984

Em carta datada em 20 de março de 1555, Anchieta faz relatos sobre sua vida em Piratininga aos irmãos enfermos de Coimbra.

“Até agora estive sempre em Piratininga, que é a primeira aldeia de índios, que está pelo sertão dez léguas do mar, como em outra vos escrevi, na qual sarei, porque a terra é muito boa, e porém não tinha xarope nem purras, nem os mimos da enfermaria. Muitas vezes e quase o mais continuado, era o nosso comer folhas de mostardas cozidas e outros legumes da terra, e outros manjares que lá não podeis imaginar. Junto com ensinar gramática em três classes diferentes, de pela manhã até à noite. E às vezes estávamos dormindo, me iam despertar para me perguntarem, no qual tudo parece que sarava. E assim é, porque, desde que fiz conta que não era enfermo, logo comecei a ser são. ...Neste tempo que estive em Piratininga, que foi mais de um ano, servi de alveitar algum tempo, isto é, de médico daqueles índios. Agora estou aqui em São Vicente, que é no porto, para onde vim com o P. Nóbrega para despachar estas cartas, que lá vão. Além disso aprendi cá um ofício, que me ensinou a necessidade. Quanto à língua, eu estou nela algum tanto adiante, ainda que é muito pouco para o que soubera, se me não ocuparam em ensinar gramática. Todavia tenho toda a maneira dela por arte, e para mim tenho entendido quase todo o modo dela”

Em carta quadrimestral datada em março de 1555, dirigida a santo Inácio de Loiola, Anchieta relata os avanços da catequese, as principais dificuldades enfrentadas, a necessidade de afastar os brancos dos índios, fala sobre as vilas e sobre a expansão.

“Como na última quadrimestre escrevi longamente o que se passa entre nós, e desde então pouco se fez de novo que pareça digno de memória, tratarei brevemente do que quer que se apresente para N. Senhor se digne aumentá-lo com as orações de V.R. Paternidade e de todos os nossos Irmãos. Conitamos ainga alguns irmãos nesta nossa Piratininga (que principia a ser povo de Deus), onde o Senhor se digna a colher algum fruto entre espinhos e cardos, trabalhando nós por sermos fiéis reconhecidos e quando vier o pai de família e sobre a seara abundante de muitas nações, para lhes darmos *in tempore tritici mensuram*. Estes nossos catecúmenos de que nos ocupamos, parecem apartar-se um pouco dos seus antigos costumes, e já raras vezes se ouvem os gritos desentoados que costumam fazer nas bebedeiras. Este é o seu maior mal, donde lhes vêm todos os outros. De fato, quando estão mais bêbados, renova-se a memória dos males passados, e começando a vangloriar-se deels logo ardem no desejo de matar inimigos e na fome da carne humana. Mas agora, como diminui u pouco a paixão desenfreada das bebidas, diminuem também necessariamente as outras nefandas ignomínias; e alguns soa-nos tão obedientes que não se atrevem a beber sem nossa licença, e só com grande moderação se a compararmos com a antiga loucura. Donde se seguem que freqüentam mais a Igreja, sofrem com mais paciência repreensões e censuras, e alguns deles, casados em legítimo matrimônio, pedem-nos com grande empenho que lhes ensinemos o modo de viver bem. O ensino dos meninos aumenta dia a dia e é o que mais nos consola;

os quais vêm com gosto à Escola...Outra esperança de maior fruto nos alenta ainda, porque inumeráveis nações, espalhadas por vastíssimos territórios, têm fome e sede da palavra de Deus. Satisfarão estas o nosso desejo e gosto, e sobretudo aqueles que estão mais vizinhos de nós, chamados carijós, os quais há muito nos esperam com ânsia. Alguns deles aqui vieram ultimamente, procuraram logo o Padre e beijaram-lhe a mão...Da cidade de Paragau (Paraguai) que está na terra dos carijós, vieram há pouco os castelhanos, que ardem em tanto desejo de nos terem entre si e nos ouvirem ensinar que nos querem levar mesmo contra a vontade, prometendo o maior fruto em si mesmos e no povo e também todo o favor e auxílio para a conversão...Tratarei brevemente do que se fez desde janeiro até o fim de março, quando partem estes navios. Vivíamos em grande paz e tranqüilidade entre os índios, com alguma esperança da sua conversão e até chegávamos a proibir-lhes a entrada na Igreja se não pedissem primeiro perdão a Deus e tomassem disciplina, quando voltavam de assistir às festas, como disse na carta precedente. E quase todos à uma entraram na igreja, no dia primeiro de janeiro, pedindo misericórdia, enquanto os filhos deles cantavam as ladainhas; e aumentava dia a dia o grande concurso de meninos que freqüentavam a Escola. Levando isso a mal gênero humano, procurou afastá-los da verdade com toda a espécie de meios, quando quase todos os índios se juntaram para aquela guerra geral, de que falei no passado quadrimestre. Ganharam com o auxílio do demônio tal e tão grande vitória dos contrários, que em quase todas as aldeias se celebraram aquelas miseráveis cerimônias da morte dos contrários. De maneira que até na própria vila dos portugueses, que é cabeça das outras, foi morto um deles com a maior desta diante de toda a gente portuguesa. Estes portugueses bem longe de o impedirem ou repreenderem, quase todos assistiram ao espetáculo e o aprovaram e louvaram, o que excitou muito os nossos catecúmenos a partirem também para a guerra a fim de tomar contrários...Nesta vila de São Vicente recolheu-se e recolhe-se algum fruto das pregações e exortações do P. Manoel de Paiva. Nota-se sobretudo nas confissões às quais concorrem com gosto até os escravos dos portugueses e alguns são capazes deste e dos outros sacramentos. Todos, e especialmente os meninos, são instruídos na doutrina cristã, o que se observa com diligência onde quer que residam irmãos. Resta pedirmos humildemente que V.R. Paternidade e todos os irmãos nos encomendem a nós e a estas almas nas suas orações. Nos anos de 1554 e 1555, parte em Piratininga, parte na Vila de S. Vicente”.

Como observou o Pe. Hélio Abranches Vlotti⁵ em sua introdução “Dotado de notável capacidade de observação e de privilegiada memória, acrescidas de sensibilidade artística para o aspecto poético das coisas, mas forrado ao mesmo tempo de vivíssima humildade, jamais se parta Anchieta da objetividade e exatidão, ao expor por escrito suas impressões sobre as pessoas e os fatos, que descreve nas suas longas cartas informativas...Capistrano de Abreu, que estudou com grade interesse tais textos históricos, põe em relevo suas qualidades de fino observador e arguto psicólogo, na pintura das personagens de que se ocupa, principalmente nos fragmentos da História que diligentemente coligou”.

⁵ ANCHIETA, José de – Cartas Correspondência Ativa e Passiva, Edições Loyola, São Paulo, 1984

Suas primeiras cartas são, como se exigia, redigidas na língua internacional da época, o latim. Mais tarde escrevendo para Roma, sobretudo a Diogo Laines, escreve em espanhol. Alguns dos seus últimos escritos vão diretamente na língua portuguesa, de que adquirira em Coimbra domínio tão perfeito, diz seu primeiro biógrafo Quirício Caxa, “como se a mamara no leite”. Magnífico exemplo de sua erudição no conhecimento do latim é a famosa carta do mês de maio de 1560, com a descrição das coisas naturais da Capitania de São Vicente.